



Veículo: Diário do Pará		
Data: 13/11/2016	Caderno: Você	Página: 08 e 09
Assunto: Roteiros Geoturísticos		
Tipo: Reportagem	Ação: Espôntanea	Classificação: Positiva

Sem esquecer de nós mesmos

Premiado pelo Iphan, projeto de Roteiros Geoturísticos ajuda a redescobrir o centro histórico de Belém

Lais Azevedo

lais.azevedo@diariodopara.com.br

Belém anda se redescobrimo. Voltando os olhos para o seu passado, expresso em casarões antigos, ruelas estreitas e muitas histórias inscritas a cada quarteirão de seus bairros mais antigos, que permanecem pulsando vida e movimento na cidade. É por lá, na Cidade Velha, na Campina, no Reduto, bairros que compõem o centro histórico de Belém, que há cinco anos ganha corpo o projeto.

Roteiros Geoturísticos, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Geografia do Turismo (GGEOTUR) como um projeto de extensão da Universidade Federal do Pará e recentemente escolhido como um dos vencedores da 29ª edição do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Foi destaca-

do na categoria projetos de iniciativas de excelência em promoção e gestão compartilhada do patrimônio cultural, envolvendo todos os campos da preservação. Envolvendo monitores, mestres, pesquisadores e professores consultores e colaboradores, os Roteiros Geoturísticos também se tornaram o ponto de partida para uma discussão iniciada para um projeto de turismo sustentável na Cidade Velha, envolvendo os moradores do bairro. O nome à frente dessa iniciativa é o da pesquisadora Goretti Tavares, professora da Faculdade de Geografia, que entende que a preservação do patrimônio não pode ficar restrita a discussões de gabinete. Tem que envolver toda a sociedade. Em entrevista ao DIÁRIO, Goretti fala dos roteiros que coordena e sua perspectiva de uma Belém com consciência patrimonial e cultural.



Como nasceu o projeto?

Nasceu em 2010, quando a gente começou a pensar um projeto que pudesse oferecer para a população um pouco da pesquisa do GGEOTUR. A gente já estudava temas de turismo, políticas públicas, políticas de base comunitária. Outra motivação foi que não existia excursões a pé no centro histórico, nem por parte de empresas privadas nem promovidas pelo poder público. Também nos inspiramos no projeto "Roteiros Geográficos", do professor João Batista Ferreira, no Rio de Janeiro.

Quando foi realizado o primeiro roteiro?

Fizemos um roteiro piloto da Cidade Velha para ser implantado em 12 de janeiro de 2011, aniversário de Belém, com dez pontos, para falar da história, cultura, patrimônio (material e imaterial) e a arquitetura. A ideia era que ele fosse oferecido não só para turistas, mas principalmente para os moradores, e assim vem acontecendo.

Vocês têm uma ideia de quantas pessoas já passaram pelo roteiro?

A gente estima cinco mil pessoas. O que é interessante é que 95% são moradores de Belém. O que revela a impor-

tância dele para a educação patrimonial. Ele tem o objetivo da identificação do morador com a cidade, a ideia de pertencimento, que induz a pensar as melhorias para a cidade. Surgiram associações de moradores após o projeto.



Não adianta realizar infraestrutura turística e não dar condição de acesso, por exemplo. A questão da mobilidade de Belém é precária. O lixo também, que no centro histórico é ainda mais grave".



95% (de quem vai aos roteiros) são moradores de Belém. O que revela a importância dele para a educação patrimonial".



Nascido numa faculdade de Geografia, como o projeto aborda a história dessa ocupação de Belém, dos moradores que vieram antes?

A gente fala tanto da importância, no processo de ocupação nesses 400 anos, dos portugueses, mas também da presença indígena e dos africanos – que aqui entram com mais frequência a partir do século 18. São heranças que se refletem na paisagem da cidade. As portuguesas estão nas pedras, azulejos, no tamanho dos terrenos. As italianas, com arquitetos importantes como Landi, e também na Belle Époque. A influência francesa está presente nos boulevards, praças, quiosques, no Theatro da Paz. Mas, antes de tudo, mostramos que é uma paisagem amazônica, que todas essas influências vão dialogar com o fato de que estamos abaixo do Equador, com a alta pluviosidade, na entrada de uma floresta.

Como são montados os roteiros?

Primeiro a gente decide o tema ou o bairro. Na Cidade Velha, elegemos pontos significativos para fazer um circuito de caminhada, por exemplo, começando sempre às 8h e terminando por volta das 12h. Depois existe um levantamento feito por pesquisadores nas áreas de Geografia e História, e tem os monitores, alunos que pesquisam em livros, artigos, entrevistas e, quando é necessário, or-

ganizações do bairro. Assim chegamos a um texto-guia, base para preparar o roteiro. Antes de ir para a rua oficialmente, fazemos uma caminhada-teste com professores e alunos, já que o GGEOTUR é formado por alunos do ensino médio, graduação e pós-graduação.

Que tipo de experiências vocês já tiveram nesses cinco anos de roteiros?

Das mais diversas. Tem os professores que levam turmas, alunos a partir de 10 anos. Tem professores de pós-graduação que levam seus alunos e eles acabam fazendo dali suas teses, artigos. Teve uma experiência há alguns anos, com uma professora do curso de Moda da Unama que levou os alunos para o roteiro da Belle Époque e depois eles fizeram uma exposição das fotos e dos desenhos do que aprenderam relacionando a moda do período. Tem moradores que dão depoimentos, revelam passar por esses locais a vida toda sem saber a importância histórica, geográfica.

E como foi receber o prêmio do Iphan?

Esse é um projeto que ajuda a discutir políticas públicas ligadas ao turismo, patrimônio. Eu mesma sempre sou chamada para discutir esses assuntos, fora mesmo do Pará. É um projeto que alia ensino, pesquisa e extensão, que é o objetivo da própria universidade, então esse prêmio é um reconhecimento desses cinco, quase seis anos de roteiros e pesquisas.

Ele também parece ter se relacionado perfeitamente com o projeto Circular Campina Cidade Velha.

Essa parceria com o Circular é importante, já realizada há três anos.

O centro histórico da cidade não tem quase nenhuma ação no fim de semana, antes só museu a partir da tarde. E é um local complicado em relação à violência. Então o objetivo da parceria foi incentivar que haja ação todo final de semana. Foi nele que surgiu a provocação para criar um Projeto de Turismo Sustentável para a Cidade Velha, para pensar turismo não como forma desagregadora, mas que gere renda e que possa atender a todos. Dando um exemplo na gastronomia: desde a senhora que vende tacacá até o restaurante de médio e mais alto padrão do centro histórico.

De que forma você acredita que o poder público pode contribuir para esse objetivo?

O primeiro passo é discutir com a sociedade. Uma das críticas que temos é que os projetos têm grande possibilidade de não serem discutidos com os interessados. Se vai se fazer um projeto, tem que falar com quem vive o dia a dia, os moradores, a universidade, que realiza pesquisas, as outras instâncias, federal, municipal, estadual. Também não dá para discutir patrimônio e turismo alheio ao resto de Belém.

E o que precisa ser melhorado?

Não adianta realizar infraestrutura turística e não dar condição de acesso, por exemplo. A questão da mobilidade de Belém é precária. O lixo também, que no centro histórico é ainda mais grave. Você pode chamar um turista e perguntar o que ele não gosta na cidade e um dos elementos que vai aparecer é o lixo. Logo, tudo tem que ser articulado com educação ambiental. Ao poder público, cabe pensar em discutir com a população. E pensar que a cidade é um todo, tem que pensar uma articulação desses temas, mas também a violência. Esse é um elemento que as pessoas que participam do roteiro comentam: “Tenho vontade (de visitar), mas não me sinto em segurança para fazer essa circulação sem vocês”. A gente conta durante todo o roteiro com apoio da polícia turística. Uma parte das pessoas pode ir com equipamento pesado para fotografar. Mas o que a gente quer é que as pessoas possam circular independente do roteiro.

Tombamento é sinônimo de preservação?

Nosso centro histórico é tombado desde 2013, mas o tombamento não significa preservação. Fizemos levantamento e boa parte está literalmente tombando. Precisa existir um diálogo do poder público com o proprietário, criado meios de ajudá-lo a manter esse patrimônio porque também envolve um financiamento dessa manutenção, e essa é uma relação ainda muito burocrática.

EXPERIMENTE

Roteiro do Complexo do Ver-o-Peso ao Porto

Quando: Hoje, com saída às 8h30

Onde: Saída do Terminal Turístico da Estação das Docas (Boulevard Castilho França)

Quanto: gratuito

Inscrições:

<https://goo.gl/forms/M9RY2Z1Zef0fAX2r2>

Quanto: Gratuito